

Pós-graduação nas ruas da cidade

Perfil do migrante que chega a Brasília inclui até jovem com curso universitário que não consegue emprego e vira mendigo

No Distrito Federal está o retrato do Brasil da seca e do desemprego. Os andarilhos não são iguais como podem parecer. Alguns são eternos mendigos, mas muitos têm sonhos bonitos, embalados pela necessidade de sobreviver. E, há quatro anos, os que chegam são cada vez mais diferentes. Antes só aparecia mão-deobra sem qualificação no albergue do Centro de Apoio Social de Taguatinga, agora chegam jovens com primeiro, segundo grau e até universidade.

"Eu sou um asilado", conceitua-se Edson da Silva Sarmento, 53 anos, morador do albergue há dois meses. Asilado, diz ele, é o migrante que perdeu os direitos de cidadão, vive expatriado em seu próprio país. "O albergue é a anistia do andarilho", filosofa.

"Imigrante brasileiro, rodado de pé no chão (...) Memória deste presente que a reforma agrária não viu, o latifúndio é estrangeiro que a corrupção mediú"

Edson da Silva tem só o primeiro grau e está em Brasília porque quer editar suas poesias. Mas não é só por isso. Já morou em oito estados diferentes e até na Bolívia. "O andarilho é como passarinho, que busca uma árvore com frutas para

se alimentar." Foi mergulhador em garimpos. "Em 1980, o emprego começou a ficar difícil. Sacrificei minha vida por falta de emprego. Por isto perdi minha mulher e duas filhas, não consegui mais sustentá-las."

ESPANADORES

Em sua filosofia, o poeta migrante que nasceu em Santarém (PA) diz que o Brasil "é democraticamente analfabeto". E que na Amazônia, depois da decadência dos garimpos, "as cidadezinhas têm cadeia e não têm escolas". Edson acentua que os brasileiros não sofrem apenas de fome. "As pessoas não querem só comida, querem um relógio bonito, uma jóia, um carro para andar." Enquanto não realiza seu sonho de editar um livro, ele fabrica e vende espanadores.

A diretora do Centro de Apoio Social (CAS) de Taguatinga, Fátima Leitão, diz que das 497 pessoas que passaram pelo albergue em junho, 59 vieram ao Distrito Federal em busca de emprego. Só cinco conseguiram uma carteira assinada. Em 1997, foram atendidas 6.105 pessoas — destas, 3.035 procurando trabalho em Brasília. "Nas estatísticas do ano passado, 45,95% das pessoas são analfabetas. As que têm primeiro grau incompleto são 26,65%, mas a maioria leva meia hora para desenhar o nome."

Ronaldo de Oliveira



Edson Silva escreve poesia e diz que se sente um asilado em seu próprio país

E o que impressiona mais ainda Fátima: "Há quatro anos, eram sómente estes que procuravam o albergue. No ano passado, registramos 12,25% com segundo grau completo e incompleto. E tivemos nove pessoas com universidade. A

maioria dos migrantes têm entre 26 e 40 anos. Chegam limpinhos, arrumadinhos, não conseguem emprego e a gente vai vendo que degradam até ao alcoolismo", lamenta a diretora do CAS. (Cristina Ávila)

RAIO-X DOS MORADORES DE RUA

- Dois terços dos chefes de família têm até 35 anos
- 72% são negros e pardos
- Um terço não tem nenhuma escolaridade
- 50% das famílias recebem até um salário mínimo
- 41% têm filhos em idade escolar
- 75% têm até quatro dependentes
- 72% são nordestinos
- 30% das famílias afirmaram ter vindo por causa de distribuição de lotes
- Entre os que trabalham, 37,6% vigiam ou lavam carros, 23% vendem coisas, 10,2% engraxam sapatos
- Resultados de entrevistas com 2.500 pessoas que vivem nas ruas

Andarilhos se multiplicam

O Instituto de Desenvolvimento Habitacional do Distrito Federal (Idhab) tem cadastradas quase seis mil famílias nas grandes invasões do Distrito Federal. E há nessas áreas centenas de pessoas que não estão registradas nos locais irregulares onde moram. São pessoas que vêm para Brasília em busca de casa, comida, emprego e sonhos e se recusam a voltar para a terra natal.

"Nosso grande problema hoje é o andarilho interno, que já foi tirado de outras invasões e continua invadindo", diz o chefe de Operações do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo), capitão

Cláudio Armond Cordeiro. Segundo ele, essas invasões concentram-se no mesmo centro econômico onde mendigos e catadores de papel constroem suas barracas — entre o Lago Norte e o Guará.

"Não sei ler e escrever. Meu pai não queria que eu escrevesse para não mandar carta pra namorada. Obedeci e acabei sendo coisa nenhuma. Escolhi o sofrimento", diz Graci de Matos, 38 anos, que desde o último dia 24 vive em um barraco no Setor de Indústria e Abastecimento. Ela foi retirada da invasão da Encol, no Guará. Sem ter para onde ir, novamente invadiu a área pública. (CA)